

Aproximações entre psicolinguística e estética da recepção

Clarice Lehnen Wolff (doutoranda PPGL/PUCRS)
Marília Marques Lopes (doutoranda PPGL/PUCRS)

Resumo: os processos de leitura e o papel do leitor são discutidos a partir de diversas correntes teóricas. Destacaremos aqui as aproximações entre os conceitos da teoria da Estética da Recepção, da área literária, e os conceitos da área da Psicolinguística, verificando suas aproximações e complementações. A Estética da Recepção contempla o olhar do destinatário da obra literária, as relações internas entre texto e leitor. Considera que toda obra literária é um cruzamento de concepções sobre ela própria realizadas em vários contextos históricos. A cada leitura, ela é atualizada, pois conta com um leitor determinado, em uma dada época. A obra literária é: o texto, o autor, o leitor e o momento histórico de sua produção e de sua leitura. Para a Psicolinguística, o leitor, no momento em que lê, utiliza estratégias cognitivas de processamento de informações e preenche ao seu modo as lacunas do texto - os chamados pontos de indeterminação na Estética da Recepção - conforme suas experiências, sendo, portanto, um ativo construtor de significados. Ele faz uso da memória, que constitui sua individualidade, para compreender e reconstituir um texto, ficcional ou não, por meio das pistas deixadas pelo autor, tanto pelo escrito como pelo que reside nas entrelinhas. Nesse processo tem papel importante o conhecimento prévio, que constitui a bagagem de conhecimentos linguísticos, textuais e enciclopédicos do leitor, permitindo que ele faça previsões enquanto lê, colaborando com sua parcela na interação autor-texto-leitor.

Palavras-chave: Leitura; Psicolinguística; Estética da Recepção

Há muitos modos possíveis de se pensar no papel do leitor e em como acontece a leitura. Aqui, fazemos uma aproximação da Psicolinguística, cujas bases estão na Linguística e na Psicologia, com a Estética da Recepção, assentada sobre o papel do leitor em sua relação com a obra literária.

A linguagem é ponto de compartilhamento entre Linguística e Literatura, sendo assim desejável que se construam pontes com a visão de ambas as áreas. É através da leitura que se conectam mais fortemente esses dois campos, quer sob o aspecto do texto, quer sob a ênfase no leitor como construtor de significados. Segundo Ando (2009), a leitura não é disciplina autônoma, mas envolve a abordagem de diversas áreas, tais como: teoria da comunicação, sociopolítica, análise do discurso, pedagogia, história, sociologia, ciências da cognição e a Estética da Recepção. Cada um desses campos de conhecimento contribui com diferentes pontos de vista sobre o mesmo processo. Cabe, aqui, delimitarmos nossa reflexão neste trabalho, buscando compartilhamentos e entrecruzamentos de pontos de vista entre a Psicolinguística e a Estética da Recepção, em função de ambas tratarem da relação do leitor com a obra escrita.

O enfoque psicolinguístico tem abordado os estudos sobre a leitura desde os anos 50 e 60, momento em que se privilegiavam as qualidades do texto para ser entendido pelo leitor, na qualidade da leiturabilidade. A visão de que um texto tinha um significado único era subsidiada pela leitura como processo linear e sequencial. A partir dos anos 70 e 80, outras

perspectivas se somaram a essas investigações, e o leitor e seus processos cognitivos passaram a figurar entre as preocupações dos pesquisadores. Hoje, na interface da Psicologia com a Neurologia (através das neuroimagens), principalmente, se pode verificar com mais precisão o que ocorre em termos cerebrais em resposta ao ato da leitura. As pesquisas na área se veem na necessidade de criar instrumentos cada vez mais específicos e refinados para tratar desse processo. A Psicolinguística percebe o leitor como sujeito ativo no ato de leitura, que pode ser visto como um “processo cognitivo que exige do leitor o enfoque dos planos que constituem a língua, que fazem a organização linguística do texto” (AMODEO; PEREIRA, 2010, p.22). A consciência do leitor sobre a linguagem é, portanto, fundamental, e isso significa que ele deve poder articular os aspectos morfológicos, fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos do texto com o seu conhecimento prévio. A leitura de um texto escrito suscita uma reflexão e uma integração desses aspectos que resultam no processo de compreensão.

Muitos teóricos se empenharam em hipotetizar sobre como se dá a compreensão leitora. O psicólogo Walter Kintsch (1998), por exemplo, propôs que a compreensão acontece através da construção-integração de informações. Esse autor tem por base um modelo conexionista de cognição, fundamentado nas pesquisas de Rumelhart e colaboradores (1980). Neste, a mente é vista sob uma perspectiva computacional, que considera a língua como algo aprendido com a experiência, não como algo inato. As representações no cérebro são construídas rapidamente e de modo dinâmico durante a leitura e sofrem um processo de integração, mais longo, de onde surgirá uma representação mental mais estruturada. Objetivamente, o significado das palavras e das proposições, em nível local, ou seja, de contexto, faz parte da construção de significado ou dos modelos mentais que o leitor vai construindo ao longo da leitura. Na etapa da integração este relaciona as informações do texto com aquelas que já possui e que formam seu conhecimento prévio, percebe as incoerências e de certa forma procura saná-las, para finalmente construir o sentido do texto. O modelo conexionista teve suas críticas, as quais afirmam que ele se associa ao behaviorismo e ao associacionismo, não considera a criatividade do aprendiz e ignora as influências sociais ou motivacionais. Mas, como advindo da associação com princípios computacionais, é natural que sua perspectiva seja permeada de uma lógica do tipo estímulo-resposta. Isto não invalida de todo a ideia de que o funcionamento cerebral se realiza com estimulações através de inputs sensoriais, basicamente, que se constituem ad hoc, e, portanto, são singulares à experiência do indivíduo, assim como é único o conhecimento de mundo que cada leitor possui. Tal como o sujeito precisa estar municiado de conhecimento linguístico e

extralinguístico para ler, assim ocorre com o computador, que deve ser alimentado com dados relacionados ao léxico e à sintaxe, bem como com conhecimento de mundo. Um mérito do conexionismo foi o de se confrontar com as teorias simbolistas na explicação da leitura, que não levam em conta operações mais basilares do cérebro no momento da construção da compreensão.

A teoria dos esquemas teve como um de seus precursores Frederic Bartlett (LEFFA, 1996). Segundo Bartlett, os esquemas são formados por estruturas abstratas que o sujeito – ou leitor – constrói para representar sua ideia de mundo. Assim, determinadas experiências ou eventos têm características comuns com outras, ou seja, possuem variáveis em uma determinada configuração - por exemplo, ‘casamento’, ‘aula’ ou ‘funeral’, as quais irão orientar a compreensão do indivíduo. Os esquemas auxiliam na identificação, descrição e acionamento das unidades de sentido mais amplas. O indivíduo, cada vez que se permite aprender coisas novas, acrescenta maior número de esquemas, bem como aumenta sua variedade e qualidade. Isso possibilita que ele tenha mais esquemas e esteja mais instrumentalizado para interpretar a realidade, acrescentando mais variáveis à sua estrutura cognitiva. Os esquemas podem se inter-relacionar como uma rede na memória. Comparando-os com um guarda-chuva, tem-se que um esquema geral contém outros subesquemas que podem ainda gerar outros. Há uma hierarquia que pode ser variável: se falamos em turismo internacional, por exemplo, podemos destacar cidades como Nova York, Roma, Paris, Rio de Janeiro, que fariam parte de um subesquema. Mas qualquer uma delas, como Rio de Janeiro, poderia se situar no topo de um esquema geral, cujos itens subordinados seriam atrações turísticas tipicamente cariocas, como botecos, praias, bairros boêmios etc. Essa hierarquização direciona a compreensão do leitor que, ao acionar esquemas gerais durante a leitura, é capaz de determinar o que é de importância primária ou secundária.

Trazendo o assunto para o meio mais próximo de nós, da área acadêmica e/ou do ensino, temos o esquema para ‘conferência’, que inclui variáveis como uma ou mais pessoas falando sobre determinado assunto, um local com assentos, o público que assiste ao evento; esse esquema pode incluir microfones, filmagens, um telão para reprodução de imagens, que podem ou não estar presentes. O esquema desse tipo de acontecimento presente na estrutura cognitiva do leitor permite que este represente mentalmente o evento. Ele pode até mesmo não ter experienciado o fato como ouvinte ou conferencista, mas o fato de conhecer, seja por meio de imagens ou relatos, lhe permite estabelecer uma ligação entre o que já sabe e o que se apresenta durante uma leitura ou relato. Também é importante acrescentar que os esquemas não se referem somente a eventos, mas também a conceitos, como, por exemplo, de sala, que

possui sofá, cadeiras, mesas, TV, e que igualmente constituem nosso conhecimento de mundo.

A Estética da Recepção, teoria desenvolvida por Hans Robert Jauss, em 1967, aponta para o enfoque no leitor de literatura, o qual tem papel dinâmico na reconstrução de uma obra literária, que prima pela ficção. O autor proferiu aula inaugural na Universidade de Constança, Alemanha, em que fez críticas a respeito da teoria literária, que vinha abordando a história da literatura considerando o esquema vida/obra dos autores, sem considerar o destinatário das obras, ou seja, o leitor inserido no seu tempo. Segundo essa teoria, toda obra literária tem um potencial de revelações, e o indivíduo as atualiza quando lê, pois preenche a seu modo as lacunas do texto conforme suas experiências - o chamado background ou conhecimento prévio para a psicolinguística, constituído também pelos já citados esquemas. Essa associação do que foi efetivamente vivido, e que é evocado pela memória do leitor - também tratada na psicolinguística, em nível neurofisiológico - com o que é ficcional na obra literária proporciona ao leitor-construtor de significados uma ampliação de suas fronteiras existenciais, pelas possibilidades de vivências alheias à realidade do indivíduo. Segundo Aguiar (2001), no momento da produção da obra o autor tem em perspectiva o tipo de receptor a que se dirige, criando o sujeito possível a quem o texto se destina.

A ideia central da Estética da Recepção é o cruzamento de concepções sobre uma mesma obra. Assim, a cada leitura que se faz, uma mesma obra é atualizada, pois o tempo avança e o leitor não é o mesmo com o passar dos anos, tendo acumulado vivências que vêm a se incorporar à sua experiência de leitura. O momento catártico é esse: a identificação do leitor com o conteúdo da obra. Esta compreende, pois, autor, leitor e momento histórico tanto de sua produção como de sua leitura.

No texto literário podemos pensar em outros enfoques do processamento da leitura, dados pela dimensão dos aspectos fictícios do texto literário, de forma diferente de um texto com caráter informativo. Para esta reflexão, Iser (1996), que também está alinhado aos conceitos da estética da recepção, aponta a estrutura de duplicação como diferencial da ficção, que cria a ideia de um mundo artificial, porque inventado, conectado a um mundo sócio-histórico, este nomeado e acessível em esquemas de significação internalizados pelo sujeito. Trata-se de uma característica da obra abarcar o que foi separado pela diferença. Dessa forma, nem o mundo artificial, nem o mundo sócio-político são significantes em si; eles se leem mutuamente: o mundo artificial é lido com os ‘olhos’ do mundo sócio-político e este, com os “olhos” do mundo artificial. Nenhum dos dois mundos predomina em relação ao outro, mas, na sua mútua exclusão, cria-se uma ilusão de completude, que se desenvolve pela leitura

recíproca dos significantes. Esta duplicação é o que desencadeia o imaginário como instância motivadora, que abre espaços de jogo para que esse assuma uma determinada forma. Assim, a ficção é fruto da imaginação e esta é motivada pela ficção, ancoradas na realidade duplicada, e por isso passíveis de serem significadas e compreendidas. O sistema linguístico que materializa o texto lhe fornece uma lógica, fazendo com que a imaginação se conecte a uma realidade de referência que retorna ao texto. A função da ficção se cumpre na mediação entre sujeito e realidade, através das possibilidades oferecidas pela linguagem.

Aquilo que se visa não pode ser confundido com o que se diz, de acordo com Iser (1996). O não-dito constitui condição básica para que o receptor possa produzir o que se visa. Isto se dá pelos esquemas internalizados, singulares a cada indivíduo. Estes permitem preencher os ‘vazios’ da fala, que impulsionam a interação dialógica entre leitor e texto. Quando as convenções do mundo histórico são organizadas horizontalmente e as expectativas são rompidas por combinações inesperadas, há o efeito de ativar a atenção e orientar a forma de acesso e reação a elas pelo receptor. O texto ficcional representa a potencialidade do uso de símbolos; a estrutura linguística proposta é que possibilita gerar efeitos na imaginação do leitor.

A leitura como processo requer abordagens do texto tanto em nível ascendente como em nível descendente. Cada um desses processos atua de forma cooperativa um com o outro, objetivando a compreensão. Nos processos ascendentes, como no aprendizado de uma segunda língua ou mesmo da leitura de um texto com assunto desconhecido, a leitura é feita de modo linear, observando-se as palavras que, ao final, compõem um todo. As pistas visuais são mais relevantes, pois o leitor faz um movimento de análise, presente em todas as leituras, porém com mais ou menos rapidez. Os processos descendentes residem nas informações não visuais do leitor, que pode ser uma criança que recentemente aprendeu a ler algumas palavras e completa o texto com informações que já possui (segundo histórias já ouvidas) ou um leitor que já possui certas habilidades e *background* para fazer inferências e predições durante a leitura. A predominância de um ou outro processo é exigida conforme necessário, observando-se variáveis como objetivo da leitura, condições de produção do texto, tipo de texto, estilo cognitivo do leitor e conhecimento prévio deste em relação ao assunto. Segundo Kato (2000), a estratégia ascendente reside nas pistas formais do texto, enquanto que a estratégia descendente, nas pistas semânticas e pragmáticas. Essas pistas evocarão o que o leitor já sabe, em termos de conhecimento linguístico ou de construtos de conhecimento enciclopédico. Ao fazer uso desses indícios o leitor constrói sua compreensão. Fazendo uma associação da estratégia descendente em leitura com aspectos da Recepção na linha literária,

inserimos aqui a intertextualidade, válida para a leitura tanto de literatura quanto de qualquer outro gênero de texto. De acordo com Claude Duchet (in VIGNER,1990. p.32), os textos não são puros, uma vez que sua existência é consequência de outros textos já escritos. Exemplo dos mais irrefutáveis são os textos acadêmicos, recheados de citações de obras ou mesmo de ideias que o autor já incorporou ao seu pensar e que transfere para o papel - ou para o computador. A intertextualidade se incorpora ao conhecimento prévio do leitor - este, um conceito da psicolinguística - capacitando-o para confrontos cada vez mais ambiciosos com outros escritos. Segundo Vigner (idem), ela pode assumir diversas formas, desde uma simples alusão até a relação com um gênero literário. Pensando no leitor como aluno, este deve ser visto como detentor de categorias interpretativas, ou de uma competência espontânea para leitura, que será estruturada e refinada através de atividades sucessivas com o texto, acrescentando cada vez mais elementos de referência ao seu conhecimento prévio. Pensando no que disse Millôr Fernandes, e associando com a intertextualidade, “todo homem nasce original e morre plágio”.

Durante a entrada de informações pela via visual, o cérebro procura seguir o princípio da economia, pois lhe é impossível processar todos os detalhes de um texto. Assim, o que é semelhante encontra ressonância na estrutura cognitiva do indivíduo, isto é, tem algo em comum com determinado conhecimento armazenado do leitor, e dessa maneira é agregado ao que já existe, em suas formas mais gerais. Isso explica por que, na reprodução de um texto, relato ou cena presenciada, o sujeito omite, não intencionalmente, detalhes do mesmo. Segundo Leffa (1996), a realidade nunca se percebe em sua totalidade, pois é impossível se avaliar uma informação por todos os ângulos. O cérebro tem limitações, e por isso utiliza a sobreposição de informações – a que entra e a que já está na estrutura cognitiva do sujeito – para então construir significado. Segundo a teoria dos esquemas, toda informação que o leitor recebe incorpora-se, embora não totalmente, à estrutura presente na sua memória individual.

Não só a leitura de um texto suscita evocação de esquemas. Também a criação textual envolve essas estruturas cognitivas quando o autor, a serviço da própria intencionalidade, aciona seus esquemas e dessas estruturas origina as proposições. Mas a intenção do autor não é captada de modo uniforme pelos leitores. Cada vez que seu texto é lido, a compreensão dependerá dos esquemas de cada leitor e da atribuição de valor às variáveis que os compõem. Daí que surgem diferentes interpretações, segundo os esquemas individuais de cada um. Mesmo havendo diferenças entre os leitores, há que existirem conhecimentos em comum entre eles e o autor/escritor. Quanto maior é o compartilhamento de informações de cada um, menos explícito o texto precisa se apresentar, na medida em que o receptor terá condições de

preencher as lacunas realizando inferências ou predições.

Através da construção de uma obra literária, seja ela uma narrativa ou poema, veem-se as pistas deixadas pelo autor na construção da literariedade. Esta é constituída pela organização linguística do texto, que explora diversos planos, como o fônico, mórfico, sintático, semântico e pragmático (AMODEO; PEREIRA, 2010). O autor seleciona os planos que mais pretende explorar em sua criação, que, segundo Ingarden (1965), são contemplados nos quatro extratos que compõem a obra literária, a saber, o fônico, o da significação, o das objetividades apresentadas e o dos aspectos esquematizados. Num crescendo, essas ‘camadas’ da obra literária se dirigem dos fonemas/grafemas; seguem para a significação através das palavras e frases; estas, sendo concretas, formam um todo significativo em conjunto com realidades que se encontram implícitas; por fim, atinge-se o modo como o leitor visualiza o objeto que se apresenta no texto.

Propusemos aqui um diálogo da perspectiva psicolinguística com a Estética da Recepção, buscando compreender a leitura a partir do leitor que se vê diante de uma obra literária e a processa para compreendê-la. Na Estética da Recepção, em se tratando de valor estético, quanto mais uma obra acrescenta o novo ao horizonte do leitor, mais o leva a ‘rever seus conceitos’, ou seja, atualizar os próprios esquemas, que se ampliam e o preparam para realizar outras leituras mais ricas e complexas. Essa atualização envolve presente e passado. Assim, o leitor tem função criativa no processo. A leitura tem a qualidade de transformá-lo através dessa relação dialógica texto-leitor, por propor novos modos de compreender o mundo. Isto ocorre se pensarmos em processos psicolinguísticos que, graças às memórias e esquemas do leitor, permitem imaginar as situações propostas na obra literária e provocar seu posicionamento com relação às mesmas.

Neste artigo, situamo-nos em posição integradora em relação à literatura e a linguística, em especial a psicolinguística enquanto ciência que estuda a construção do conhecimento. Não podemos perder de vista que a gramática ocidental teve como objetivo primordial analisar e preservar grandes obras literárias gregas (MAINGUENEAU, 2010), e constituiu-se na arte de ler textos. Segundo esse autor, os linguistas modernos (séculos XIX e XX) promoveram a cisão entre essas áreas, conferindo primazia e importância somente à língua oral. A língua é algo mais do que instrumento de que se dispõe para escrever ou falar – é, antes de tudo, a conjunção das faculdades mentais humanas com vistas à construção de conhecimento; e a literatura não é um simples ornamento (idem, 2010) - mas constitui-se como parte atuante na construção da língua, visto que a identidade desta igualmente envolve enunciados com valor estético que, por sua vez, têm papel fundamental na qualidade da

língua.

Apesar de serem distintos os objetos dessas duas grandes áreas, vê-se hoje uma atenção voltada ao seu enriquecimento através da interface entre ambas, preocupação especialmente de pesquisadores com olhar para as áreas de letras (linguística e literatura), ensino e cognição. É auspicioso o caminho que já está sendo trilhado em direção a novas luzes sobre os processos de compreensão leitora, que tomam, assim, uma dimensão ainda maior graças ao diálogo produtivo entre essas áreas de conhecimento.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. (coord.) *Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores*. Vera Teixeira de Aguiar et. al. Belo Horizonte: Formato Editorial: 2001.

AMODEO, Maria Tereza; PEREIRA, Vera Wannmacher. Linguística e Teoria da Literatura: uma interface possível. In: *Letras de Hoje*, Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, v.45, n. 3, p. 18-25, jul/set 2010.

ANDO, Marta Yumi. Uma leitura interdisciplinar de estudos sobre a leitura. In: *Acta Scientiarum Language and Culture*. Maringá, v. 31, n.1, p. 85-93, 2009.

INGARDEN, Roman. *A obra de arte literária*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura – uma teoria do Efeito Estético*. Vol.1. São Paulo, ed.34, 1996.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita - uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 2000.

KINTSCH, Walter. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: University Press, 1998.

LEFFA, Vilson. *Aspectos da Leitura – uma perspectiva psicolinguística*. Coleção Ensaios. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. O texto literário como documento linguístico. In: BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Funções da Linguagem. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, p. 31-35.

RUMELHART, David Everett. Schemata: the building blocks of cognition. In: Spiro et al (org.). *Theoretical issues in reading comprehension*. New Jersey: L. Erlbaum, 1980. p. 33-58.